

O USO DA MAQUETE NA CENOGRAFIA EXPOGRÁFICA

CAROLINA FOGAÇA TENOTTI¹;
LAUER ALVES NUNES DOS SANTOS²

¹ *Universidade Federal de Pelotas – c.fogacatenotti@gmail.com*

² *Universidade Federal de Pelotas – lauer.ufpel@gmail.com*

INTRODUÇÃO

Este texto apresenta parcialmente atividades realizadas junto ao projeto de extensão intitulado “Exposições do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo” e coordenado pelo Prof. Dr. Lauer Alves Nunes dos Santos, cadastrado na Pró Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

O projeto acontece no MALG que é um museu vinculado ao Centro de Artes da UFPEL, dedicado inicialmente a vida e obra do pintor pelotense Leopoldo Gotuzzo (1887 – 1983), mas que também tem como missão preservar e divulgar as artes visuais. O acervo contém mais de quatro mil itens divididos em 7 coleções (Leopoldo Gotuzzo, Escola de Belas Artes, João Gomes de Mello Filho, Faustino Trápaga, Século XX, Século XXI, e L. C. Vinholes). O MALG possui três salas expositivas: Sala do Patrono Galeria Marina de Moraes Pires e Galeria Luciana Renk Reis.

Além de exposições de obras do acervo, o MALG também realiza mostras de artistas convidados, selecionados pelo Núcleo de Programação e Curadoria. Neste texto serão apresentados procedimentos de montagem para a Exposição “TRAJETÓRIAS: da formação à inserção no circuito – parte 1” para a qual foi confeccionada uma maquete da Galeria Marina de Moraes Pires a fim de auxiliar as escolhas e definições do curador e que, posteriormente, acabou ficando exposta na mesma sala durante a exposição.

2. METODOLOGIA

Utilizaremos para estudo a montagem da exposição ‘TRAJETÓRIAS: da formação à inserção no circuito – parte 1’ de curadoria¹ do Prof. Dr. José Luiz de Pellegrin. A partir da necessidade de uma visualização previa da montagem e a fim de garantir a segurança das obras, foi desenvolvida uma maquete da sala expositiva Marina de Moraes Pires do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo em escala 1/50, com registros fotográficos - fornecidos pelos próprios artistas - das obras que seriam expostas. As paredes da maquete foram produzidas em *foam board*, o piso em papel *kraft* e as reproduções das obras impressas em papel *couché*. O desenvolvimento e a execução desta metodologia de montagem se apresenta como uma opção para que os curadores possam desenvolver as discussões acerca da exposição.

¹ “Curadoria – Designação genérica do processo de concepção, organização e montagem da exposição pública. Inclui todos os passos necessários à exposição de um acervo, sejam conceituação, documentação e seleção do acervo, produção de textos, publicações e planejamento da disposição física dos objetos. Refere-se também ao cargo ou função exercida por aquele que é responsável por zelar pelo acervo do museu.” (Glossário. In: CADERNO de diretrizes museológicas I.)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A exposição conta com 21 obras de 11 artistas que têm algo em comum, todos em algum momento de sua formação tiveram passagem pela UFPel (graduação, pós-graduação, mestrado ou especialização). A mostra faz parte das comemorações dos 70 anos da EBA – Escola de Belas Artes como também dos 50 anos da UFPel.



Figura 1. Acervo pessoal José Luiz de Pellegin:
Vernissage Exposição “Trajetórias”. 2019

No trecho do livro “Entre cenografias: O museu e a exposição de arte no século XX”, Lisbeth Rebollo Gonçalves aponta que a função de uma exposição não é apenas mostrar objetos dotados de sentido para o público, mas propor uma interação capaz de gerar uma exploração da cognição e senso crítico do sujeito.

As exposições constituem um instrumento-chave para permitir o acesso aos acervos de museus, podem ser inovadoras, inspiradoras e conduzir o visitante à reflexão, proporcionando ótimos momentos de prazer e aprendizagem. (MUSEUMS & GALLERIES COMMISSIONS, 2001, p. 19).

A exposição que usamos para aplicar o método de montagem, funciona como uma conversa de artista para artista, utilizando os mesmos conceitos vistos em “Museologia: Roteiros Práticos 2” desenvolvido pela *Museums & galleries commission* onde a exposição deve vislumbrar um público alvo – neste caso, academicos ligados as práticas artísticas – para que possa ocorrer a interação entre o visitante e as obras expostas, vislumbrando a melhor compreensão, reflexão e absorção do sentido da exposição. No presente caso, tendo em vista se tratar de uma mostra composta por egressos da UFPel, nos deparamos com um breve currículo de cada artista junto da obra, fazendo com que, desta forma, os recém egressos ou os estudantes e o meio academico possam ver algumas possibilidades de caminho a serem seguidos profissionalmente, bem como as diferentes produções artísticas que tiveram inicio do seu desenvolvimento na universidade.

O desenvolvimento da maquete da sala expositiva Marina de Moraes Pires se deu com o mesmo padrão de cores das paredes e também mesmo padrão de desenho do assoalho, vislumbrando a maior aproximação de tonalidades e luminosidade para a inclusão das obras e visualização de possíveis resultados da exposição pronta. A maquete também foi exposta, com o intuito de elucidar de que forma ocorreu o planejamento da exposição (Fig.2 e Fig. 3).

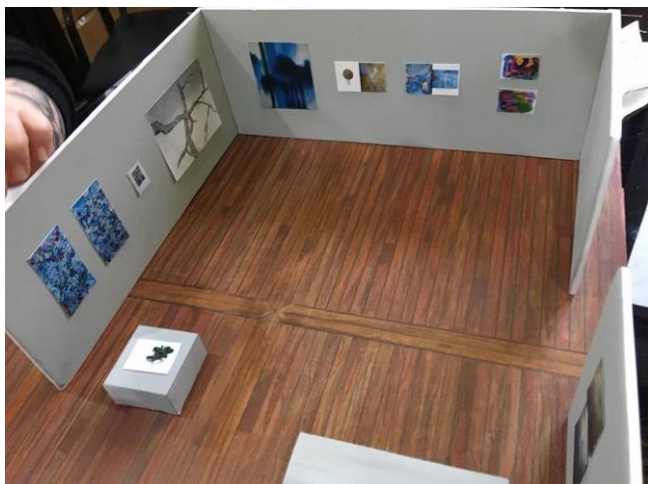


Figura 2. Acervo pessoal José Luiz de Pellegin: 1ª cenografia da maquete. 2019



Figura 3. Acervo pessoal Carolina Fogaça Tenotti: montagem maquete exposição – 1ª Cenografia “Trajetórias”. 2019

Conforme a chegada das obras alguns questionamentos acerca da montagem começaram a surgir. Como os registros fotográficos das obras foram fornecidos pelos artistas, nem todos estavam fiéis às cores e dimensões reais, dificultando, desta forma, o planejamento cenográfico já elaborado a partir da maquete desenvolvida juntamente ao curador. Recordando o conceito de cenografia de “Entre Cenografias: O Museu e a Exposição de Arte no Século XX” onde diz que:

Adota-se o conceito de “cenografia” no lugar do conceito de “museografia da exposição” porque se considera que há, na comunicação da exposição, uma aproximação muito direta com o que ocorre no teatro. É heurística a utilização do termo cenografia para fortalecer a compreensão do papel crucial que o desenho museográfico da exposição cumpre no processo de recepção estética da exposição de arte. (GONÇALVES, 2004, p.20)

A partir deste pensamento as questões em torno da exposição são elaboradas de modo que as obras estabeleçam um diálogo entre si. Após a chegada de todas as obras, foi vista a necessidade de relocação de algumas obras em razão de suas dimensões, cor ou motivos cenográficos, onde a estética da exposição precisa ser repensada para que uma obra não “roube” o sentido ou se sobressaia às outras, podendo refletir diretamente sobre a interação e compreensão que o público terá da mesma.

No entanto, cabe ressaltar, que embora ajustes tenham sido necessários, o manejo e alteração de locais foi extremamente reduzido se comparado com montagens que não fazem o uso do recurso de maquetes – o que indica um procedimento facilitador e que garante menor risco decorrente do manuseio de obras.

Após esta primeira experiência no projeto de extensão, em que se fez o planejamento de montagem a partir da maquete previamente desenvolvida, pode-se manter as obras fora de risco, e mesmo havendo algumas mudanças na cenografia da exposição a execução da montagem deu-se em menos tempo, já que não houve a necessidade de uma pré-montagem para análise e seleção de que obras entrariam ou não em exposição, uma vez que a mesma foi feita a partir da maquete.

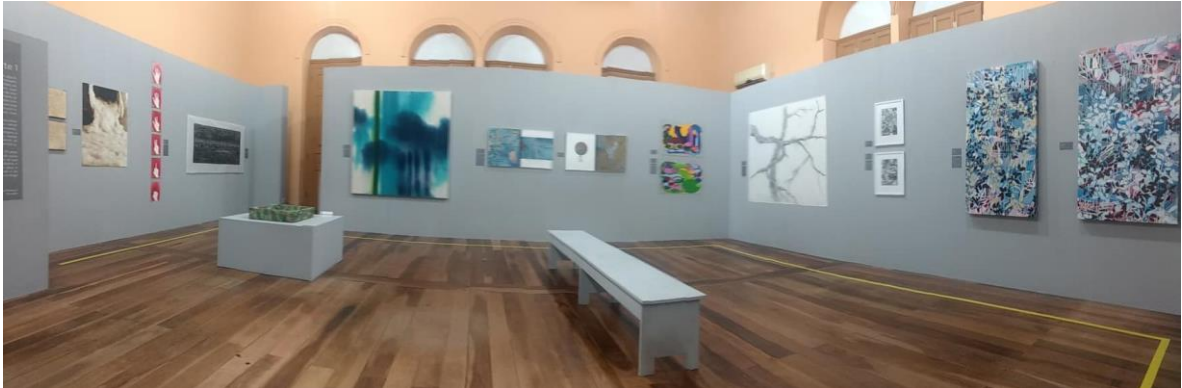


Figura 4. Acervo pessoal Carolina Fogaça Tenotti: 'TRAJETÓRIAS: da formação à inserção no circuito – parte 1'. 2019

4. CONCLUSÕES

A exposição foi inaugurado dia 10 de Novembro e pode ser vititada até 03 de Outubro de 2019. Participar do processo de montagem, conforme previsto no projeto de extensão, permitiu compreender como o uso de determinados dispositivos podem auxiliar na obtenção de melhores resultados com menor esforço. A partir da aplicação do uso de maquete pode-se concluir sua eficácia em garantir a preservação das obras de arte, de maneira que não se faz necessário o excessivo manuseio das obras antes do período de montagem, reduzindo as mesmas do risco de acidentes, uma vez que se pode fazer o transporte das mesmas somente no dia da montagem da mostra.

O método contribuirá para as próximas montagens de exposição, uma vez que com sua aplicação não há necessidade das obras em acervo serem retiradas da reserva técnica para passar pela seleção da curadoria e planejamento da cenografia, pois a mesma poderá ser planejada a partir da maquete, garantindo a preservação das obras. O método foi um projeto piloto para auxiliar na próxima montagem que ocorrerá na sala do patrono, com abertura prevista para primeira quinzena de novembro de 2019.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GONÇALVES, LR. **Entre Cenografias: O Museu e a Exposição de Arte no Século XX / Lisbeth Rebollo Gomçalves**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2004.

Glossário. *In*: **CADERNO de diretrizes museológicas I**. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado e da Cultura / Superintendência de Museus, 2006. 2ª Edição

Planejamento de Exposições / Museums and Galleries Commission; tradução de Maria Luiza Pacheco Fernandes. – São Paulo: Editora Universidade de São Paulo: Vitae, 2001. – (Série Museologia, 2)